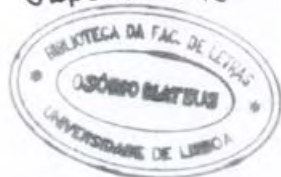


JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

UM HOMEM DIVIDIDO
ou
UMA VIAGEM POR ESTE TEATRO

UM HOMEM DIVIDIDO

PERSONAGENS

CICLISTA

JERÓNIMO

HOMEM DA BATA BRANCA

HOMEM FRANZINO

DOIS INDIVÍDUOS CORPULENTOS

CONTADOR DE HISTÓRIAS

ÁLVARO

ISABEL

CLARA

CLARINHA

JOÃO

JOSÉ

PESCADOR À LINHA

ROGÉRIO

DANIEL

RAPARIGA

HOMEM DE MEIA-IDADE

LUÍS

MAGDALENA

GABRIEL

BEATRIZ

JUIZ

ADVOGADO

MARIAZINHA

MORTE

HELENA

ELVIRA

ARRUMADOR

CONCEIÇÃO
ANA
AMA
BRUXA
MINISTRO
1.º VAGABUNDO
2.º VAGABUNDO
VÁRIAS FIGURAS
FIGURANTES

A cena representa... um palco de teatro. Inicialmente, na penumbra. Espalhadas pelo palco, umas oito ou dez figuras deambulam, vestidas uniformemente de cinzento-escuro. As figuras quase não se vêem, adivinham-se. Um tempo. Um projector vertical ilumina intensamente uma zona restrita, onde se encontra uma das figuras (F1). Todas as outras figuras estacam, perdidas na penumbra.

F1 (olhando para longe) — Lá fora começou a chover. (*Examina meticulosamente as unhas de uma das mãos e depois as da outra.*) Para um Homem Dividido, a única saída ou solução ou esperança é que lhe apanhem os bocados e lhos entreguem por ordem. (*Pausa.*) A sua ordem, única e já esquecida, ordem humana e natural dos bocados dele. (*Longa pausa. Caindo em si.*) ... Que lhos entreguem?... O Homem Dividido ficou de repente lúcido: «por mim ninguém pode nada», diz o homem. (*Pausa. Coloquial.*) Ninguém pode nada por ele, é assim mesmo: está sozinho, no salão dos espelhos (*Pausa.*) Ninguém o convida para jogar o bridge ou fazer a revolução dos oprimidos (*Pausa.*) Ninguém. Nunca. Até hoje (*Longa pausa.*) E chove. (*O projector apaga-se. Talvez se oiça o cair da chuva. As figuras voltam a movimentar-se na penumbra, talvez murmurando. Um tempo. Num outro local do palco acende-se novo projector, iluminando F2. Todas as outras figuras param, calando-se.*)

F2 — As primeiras palavras foram de amor: algas... manhã... silêncio... (*Longa pausa.*) As primeiras palavras são muito antigas.

[*O projector apaga-se. As figuras voltam a deambular, na penumbra. Um tempo. O palco, na sua totalidade, ilumina-se, de repente. As figuras estacam. Ouve-se, ao longe, a campainha de uma bicicleta. As figuras olham nessa direcção. Um tempo. Surge um ciclista dos anos 20-30 (Cl.), vestido a rigor e com um florescente bigode, ao sabor da época.*]

UMA FIGURA (para Cl.) — Então?... Temos notícias?

(*Sem responder, Cl. desmonta da bicicleta, examina as rodas, fazendo-as girar, etc., como se suspeitasse de alguma avaria.*)

OUTRA FIG. — Mandou instruções, ao menos?...

CL. (após um tempo, recitando com desnecessário ênfase) — «Senhores Personagens», disse ele, «vão fazendo os vossos papéis como entenderem»... (Em tom levemente ameaçador.) ... «Depois conversamos». (Ignorando os protestos das figs., monta na bicicleta e sai de cena.)

(As figs. entreolham-se, indecisas. Um tempo. CL. regressa, fazendo ouvir a campainha. Sem desmontar, circula pelo palco, deixando cair vários papéis coloridos. Sai, voltando a tocar a campainha. Um tempo. A campainha ouve-se, off. Um tempo. As figs. apanham os papéis).

UMA FIG. (lendo) — ... Os vossos papéis...

OUTRA (lendo) — ... Senhores personagens...

OUTRAS AINDA (lendo) — ... Como entenderem...

MAIS OUTRA (lendo) — ... Depois conversamos...

F1 (voltando a tomar a iniciativa) — Guarda-roupa!... Cenários!... Adereços!... (Para as outras figs. que o rodeiam.) Vamos então fazer os nossos papéis como entendermos... (Irónico.) Não foram essas as instruções? (Senta-se no chão, convidando as outras figs. a imitá-lo. As outras figs. sentam-se, formando uma roda. F1, amarrotando o papel que tem na mão, começa a fazer uma bola. As outras figs. imitam-no. Um tempo. Entretanto uma fig., que não tem papel, sai de cena, batendo com os pés, a grandes passadas.)

(As figs., atirando as bolas de papel colorido ao ar e podendo mesmo trocar as bolas entre elas, irão debitando, sucessivamente, as diferentes frases que constituem o seguinte texto:)

Vê lá o que são as coisas... afinal não foste viver para uma ilha deserta... Cresceste. A tua doença é esta... és adulto, estás adulterado... Para não ouvires o teu corpo, inventaste os grandes sentimentos... As pessoas passam por ti e não dás por elas... (F1 levanta-se; as outras figs. imitam-no.) Cresceste, a tua doença é essa... Podes chamar-lhe cancro, se quiseres...

[As figs., abatidas, deitam as bolas num cesto de papéis. Um tempo. A fig. solitária que tinha saído de cena, sem papel, regressa, envergando um pijama às riscas mas sem ter tirado as pesadas botas com que «martelara» as tábuas, ao sair. Vem a arrastar uma cama. A fig. será designada por J. A dada altura, J. estaca numa zona bem iluminada. As outras figs. constroem um «quartinho» em torno da cama, «mobilam-no», etc., enquanto J., sentado na cama, vai tirando as botas. Um tempo. As figs. afastam-se, deixando J. sozinho no tal «quarto». J., depois de rectificar a posição da cama, deita-se nela, puxando a roupa até ao queixo. Entra no «quarto» uma fig. de bata branca (H. B. B.) e senta-se numa cadeira, junto à cama de J. Um tempo.]

H. B. B. (*apalpando o corpo de J., com gestos profissionais*) — Dói?

J. — Não.

H. B. B. (*apalpando nos sítios mais diversos e obtendo sempre um «não» como resposta*) — Um pouco mais acima, talvez... Deste lado, hem?... Na sétima lombar?... Aqui? (*Perdendo a paciência.*) Mas afinal de contas, meu caro senhor... onde é que lhe dói?

J. — Nas recordações.

(H.B.B: *despe a bata e atira-a para longe, saindo do «quarto». J., afastando os cobertores, senta-se na cama. Figs. batem palmas frouxas. Um tempo.*)

UMA DAS FIGS. (*para F1, designando J.*) — 'Tá bem, mas... quem é aquele gajo?

OUTRA FIG. (*não dando tempo a F1 de responder*) — Macambúzio, um pijama às riscas, quem havia de ser?... O Pilha-Galinhas... esse tal Jerónimo. (*Em tom de confidência.*) Praticamente já não sai de casa...

(*Entretanto, J., continuando sentado na cama, torna-se atento, parecendo escutar algo. Ouvem-se passos, ao longe.*)

UMA FIG. (*entrando na conversa*) — Ah! Por isso é que lhe chamam também «O Viajante Imóvel»...

F1 (*autoritário*) — Chiu!... Deixa ouvir.

(*O ruído de passos aumenta. Um tempo. Apaga-se a luz do «quarto». Um tempo. A luz volta ao «quarto». Está lá agora um Homem Franzino (H. F.) a fumar um opulento charuto. Tem a cabeça rapada e mexe em tudo. Desarruma os livros de uma pequena estante, escolhe um e consulta-o, em silêncio. Entretanto J. sentou-se à mesa e logo uma luz fortíssima lhe iluminou o rosto, ofuscando-o. Ao fundo do «quarto» estão agora Dois Indivíduos Corpulentos, numa postura rígida, marcial. Na sombra, alguém escreve à máquina.*)

H. F. (*para J. mas sem largar o livro*) — Nome completo?

J. (*ofuscado pela luz*) — Jerónimo Alberto da Conceição... e Cunha.

(*Em resposta, ouve-se bater uma única tecla na máquina de escrever.*)

OS DOIS INDIVÍDUOS CORPULENTOS (*rindo alarvamente*) — Dito: o Pilha-Galinhas... Cocorocó... O Pilha-Gali...

H. F. (*impondo-lhes silêncio e voltando ao livro*) — Morada?

J. (*apontando com o queixo para o chão do quarto*) — Nesta.

(*A máquina de escrever dispara, em vertiginoso batimento.*)

H. F. (*largando o livro, agarra numa jarrinha*) — Profissão?

J. (muito calmo) — Moribundo.

(A máquina de escrever não responde. H. F., fuzilando J. com um olhar severo, repõe delicadamente a jarra no seu lugar. Recupera o charuto. Puxa uma fumaça.)

H. F. (em voz branda, deitando a cinza para o chão) — A tua resposta, meu rapaz, não foi inteligente. (Sorriso desagradável.) E pode sair-te... (sopra para a ponta do charuto) ... um dia destes... (volta a soprar) ...bastante cara.

J. (num murmúrio) — Somos todos, desde sempre, moribundos...

(Ao fundo, os Corpulentos cacarejam.)

J. (prossequindo, alheado) — Desde sempre... Todos...

(H. F. fazendo estalar os dedos, indica aos Corpulentos que se ocupem de J. Um deles imobiliza-lhes os braços, e o outro, depois de ter voltado J. de costas para o público, rasga-lhe a frente do pijama, de alto a baixo.)

H. F. (aproximando-se de J., de charuto em riste) — Pois sim, canta... E depois me contas. (Falando entre fumaças.) Vais ser muito visitado... E algumas das tuas visitas... tu vais ver!... podem tornar-se um tanto ou quanto... desagradáveis. (Encostando aponta incandescente do charuto aos testículos de J.) Compreendes o que eu quero dizer, brincalhão?

(J. dá um grito. A luz apaga-se. Ouve-se o crepitar da máquina de escrever. Quando a luz regressa, J. está só, abatido, sentado ainda na mesma cadeira. Um tempo. Entra no «quarto» uma Rapariga.)

RAPARIGA (pondo suavemente a mão no ombro de J.) — Então o que é isso, homem?... A vida tem-te corrido razoavelmente... Já foste Ministro. Viajaste. Deste opiniões, recebeste pessoas. (Pausa.) Na sala de operações ouviste murmurar: «coitado!»... Mas sobreviveste. (Pausa.) E mesmo que não tenhas sido Ministro — é possível! — mesmo que as tuas viagens tenham sido um bocadinho teóricas, que diabo... deste opiniões! (Pausa. Sorridente.) Não foste tu o primeiro a dizer que o Benfica — viva o Benfica! — ia ganhar o jogo? (Pausa.) É certo que perdeu... mas foste tu o primeiro lá em casa a dar uma opinião abalizada (Pausa.) E depois, não é... recebeste pessoas, foste visitado. (J. sobressalta-se mas Rapariga faz-lhe uma festa no cabelo.) Reconheço que nem todas as visitas teriam sido francamente agradáveis... Foste espancado umas tantas vezes, eu sei, por visitantes desconhecidos. (Pausa. Triunfante.) Mas não será isso, de certa maneira, uma atenção? (Pausa.) Alguém te distingue, homem! E te espanca e te visita!... Aleluia! (Pausa.) Alguém, à sua maneira — homem, mulher, criança ou animal doméstico — sabe da tua existência. (Categórico.) A vida, é preciso confessá-lo, tem-te corrido razoavelmente...

[*Apaga-se a luz do «quarto». Luz geral. Surge um homem envergando um colete com muitas algibeiras e uma boina na cabeça; tem um ar bem disposto. Empurra um carrinho de mão, onde, além de um bombo festivo, transporta uma porção de livros de várias dimensões e variado aspecto. É o Contador de Histórias (C.) Antes de ele aparecer pode ouvir-se, off, o som do bombo.*]

C. (*avançando eufórico*) — Chamaram-me?... Cá estou eu. (*Perante o silêncio das figs. não desarma.*) Não me chamaram?... Paciência. Agora já cá estou. (*Faz soar o bombo. Anuncia, com uma pirueta.*) Sou... o Contador de Histórias...

UMA DAS FIGS. (*barrando-lhe a passagem*) — Hei!... Onde é que tu vais?

C. (*fitando-o e prosseguindo o passeio*) — Contar as minhas histórias... (*Dá mais uns passos e estaca, tirando um livro do carro e lendo.*) Era uma vez um Rei que tinha três filhas... A mais nova... (*Reparando que ninguém lhe presta atenção.*) Pois é... Se calhar já conhecem esta... (*Animando-se.*) Mas eu tenho outras no meu repertório! (*Larga o livro e, vasculhando no carro, empunha outro livro e lê.*) A mais nova das filhas do Rei...

UMA DAS FIGS. (*interrompendo-o*) — Acaba lá com isso, homem!

(*C. sorri, larga o livro, empunha outro e volta a ler.*)

C. (*lendo*) — Certo dia o Rei sai do palácio sem chapéu... (*Volta a mudar de livro.*) ... Despediu-se das filhas, atravessou o parque e...

F1 (*interrompendo-o, com autoridade*) — Pst!... Ó senhor Contador de Histórias. Nós somos personagens de Teatro e estamos a fazer o nosso trabalho... (*Apontando para uma saída de cena.*) ... Se não se importa...

DUAS FIGS. (*em coro*) — Rua!...

C. (*procurando nos bolsos*) — Mas eu tenho um convite... (*Exibindo um papel dobrado.*) Está aqui... Para um piquenique... Convite para um piquenique ...Comidas, bebidas... e conversa.

F1 (*arrebata-lhe o papel*) — Convites são papéis... (*Rasga o convite, sem mesmo o desdobrar.*) E os papéis... (*Sopra para longe os pedacinhos do convite.*) Pf!...

(*C. parece ter perdido a boa disposição: vultando-se de costas para o público, agarra nos varais do carro e finge dirigir-se para fora de cena. Na realidade, porém, não sai do mesmo sítio, limitando-se a marcar passo. Um tempo.*)

UMA FIG. (*para F1, designando C.*) — E se nós lhe dêssemos uma oportunidade? (*Ouvindo isto, C. deixa de marcar passo e volta-se para as figs., com um largo sorriso.*) Mais um, menos um... O palco é grande... (*Num sussurro, para F1.*) E depois... quem sabe? Nestas andanças, pode ser útil, um cantador de histórias...

(Por mímica, C. foi acompanhando este diálogo, com o máximo interesse.)

F1 (hesitante, examinando C. dos pés à cabeça) — Bom. Está bem... Mas primeiro vou fazer-lhe uma pergunta. (Voltando-se para C.) Olha lá: para que serve o Teatro?

(Apanhado de surpresa. C. começa a consultar os livros do carrinho, de forma desenfreada)

UMA FIG. (acercando-se de C.) — Deixa lá a livralhada e responde pela tua cabeça!...

(C. larga os livros. Parece desorientado. Um tempo. Pensativo, agarra num baqueta do bombo e contempla-a, com desânimo. Um tempo. Agarra também na outra baqueta. Um tempo. De súbito, sorri. Em passadas decisivas, aproxima-se do bombo. Usando simultaneamente as duas baquetas, faz soar o bombo. A pancada é só uma mas ressoa fortemente, fazendo eco. Um tempo.)

F1 (em tom convicto) — A resposta parece-me satisfatória. (Olha as outras figs. Como ninguém contesta, volta-se para C.) Pode cá ficar...

(Entusiasmado, C. Prepara-se para dar nova pancada no bombo.)

F1 (impedindo-o) — Mas não faças muito barulho!

[C., pé ante pé, afasta-se para um canto. Ao chegar lá, senta-se num banco que retira do carrinho e começa a tocar gaita de beijos, baixinho, cada vez mais baixo, à medida que a luz decresce na zona onde ele se encontra. Um tempo. C. fica em silêncio, na penumbra.

Numa zona distante de C. a luz aumenta, revelando um vistoso baloiço, pendurado na teia. Álvaro (A.), de casaca, e Isabel (I.), de saia e blusa, estão junto ao baloiço. Um tempo. I. anima-se, pretendendo entregar a A. um livro volumoso.]

A. (pegando, contrariado, no livro e lendo) — A cena representa um palco de teatro. Lisboa. Actualidade (Pausa.) Personagens, por ordem de entrada em cena: o Animador. (Animando-se.) Sou eu o Animador! (Largando o livro.) Esbelto mancebo vestido a rigor: casaca, bengala e chapéu alto...

(I. impaciente-se. A. volta a pegar no livro.)

A. (lendo, obediente) — De súbito, uma figura feminina...

(I., por sinais, indica-lhe que espere e sai de cena.)

A. (uma vez só) — Uma figura feminina, de súbito, entra pela esquerda baixa... (Voltando-se para a esquerda, faz um gesto floreado. Um tempo. I. entra pela direita alta e instala-se no baloiço. A. larga o livro e observa-a.)



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97